**ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇO DE DESAFIOS E APRENDIZAGENS**

Aparecida Suiane Batista Estevam

Discente de Pedagogia - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - [suianebatista@gamil.com](mailto:suianebatista@gamil.com)

Sandra Sinara Bezerra

Docente do Departamento de Educação/DE -Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – [sinara\_marinho@hotmail.com](mailto:sinara_marinho@hotmail.com)

**Resumo**

Este artigo tem o objetivo de refletir as experiências exitosas do Estágio Supervisionado realizado na Educação Infantil, bem como compreender seu contexto social, político e econômico. Para tanto, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, preponderante para nosso entendimento acerca dos sentimentos, percepções, intenções e comportamentos identificados durante o processo de observação, análise dos dados, a partir das contribuições teóricas que apresentam os saberes necessários à prática educativa e, os resultados alcançados que se configuram com os desafios enfrentados em todo período de estágio, análise da prática docente e construção da escrita, evidenciando que as dificuldades se transformaram em estratégias de aprendizagens e, consequentemente, na qualidade do ensino. Nessa perspectiva, o presente trabalho contribui significativamente para que reflitamos sobre a importância do Estágio Supervisionado para a formação docente e, para que nos tornemos profissionais humanamente melhores, cooperando para a transformação e/ou ressignificação do ensino. A Educação Infantil, portanto, tem muito a nos ensinar e, parte das experiências exitosas estão na possibilidade de construirmos um mundo mais justo e igualitário, onde todos tenham vez e voz.

**Palavras-chave:** Formação. Educação Infantil. Estágio Supervisionado. Desafios.

**Introdução**

A educação tem sido nos últimos anos discutida intensamente por pesquisadores da área e outros estudiosos, é considerada um desafio constante a ser enfrentado e uma batalha a ser travada diariamente, já que o atual contexto social, político e econômico a qual estamos inseridos exige, principalmente dos educadores, resistência para permanecer na luta que visa a promoção de uma educação que tenha pelo menos o mínimo de qualidade.

Nessa perspectiva, objetivamos no presente trabalho refletir inicialmente acerca da educação infantil, isto é, frisar sobre como esta era concebida anteriormente e como é vista nos dias atuais para, consequentemente, lançarmos um olhar crítico em relação ao processo de ensino aprendizagem na educação infantil: seus desafios e contribuições na formação dos sujeitos envolvidos tomando por base as experiências exitosas do Estágio Supervisionado I, além disso, buscamos ressaltar a concepção de estágio supervisionado e a sua importância na formação docente.

Tendo em vista os objetivos previamente elaborados, realizamos um embasamento teórico nas discussões de alguns autores como: Pimenta (2010), Angotti (2010), Freire (2003) dentre outrosque trazem significativas contribuições acerca da temática em questão.

A construção do presente trabalho é resultante das experiências exitosas de quatro (4) semanas do Estágio Supervisionado I, componente curricular do curso de Pedagogia, realizado em uma Creche da rede municipal de ensino da cidade de Pau dos Ferros/RN, em uma turma de Pré-escola (Pré-1), por meio da pesquisa de campo, em que utilizamos a observação acompanhada de registros escritos como técnica para a construção dos dados, além disso, deu-se também a partir da pesquisa bibliográfica que segundo (GONÇALVES, 2001, p. 65) é “[...] aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno”. Portanto, consideramos importante realizarmos inicialmente a leitura dos referenciais teóricos, que nos ajudaram a fundamentar o referido estudo e a desconstruir questões advindas do senso comum relacionadas as discussões aqui elencadas.

A primeira semana foi de observação, onde tivemos a oportunidade de conhecermos a caracterização e composição da instituição de ensino como um todo. Em fase disso, elencamos como instrumento metodológico um roteiro/diário de campo, no qual anotávamos aquilo que considerávamos relevante acerca da escola e seus componentes (espaço físico, concepções pedagógicas, funcionários e etc.). As outras três (3) semanas foram reservadas para a regência, no qual realizamos a intervenção prática e tivemos a oportunidade de viver na realidade questões que envolvem todo o processo de ensino-aprendizagem que vai do planejamento ao ato de avaliar.

Portanto, consideramos que o trabalho em questão é de abordagem qualitativa, isto porque visa compreender os dados com base em todo o processo investigativo a partir do diálogo com os teóricos e os sujeitos da pesquisa.

**Resultados e discussões**

*Um pouco de história: um olhar acerca da criança e da educação infantil*

Ao longo do tempo o conceito de criança/infância sofreu modificações significativas, já que deixou de ser concebida como uma fase isolada e ímpar e passou a ser considerada um processo histórico-social. Nessa perspectiva, a infância é compreendida a partir das transformações e aspectos sociais que envolvem determinada sociedade, pois sua concepção pode variar de cultura para cultura.

No final do século XVII as crianças, até então vistas como adultos em miniaturas, são obrigadas a saírem do meio dos adultos e ingressarem no ambiente escolar. Com esse ingresso percebe-se que as crianças passam a interagir entre si e a ter contato com outros sujeitos que não fossem seus pais. Nessa perspectiva, a criança era considerada um ser abstrato, natural, inocente e universal, que não estabelecia vínculos sociais, isto é, a infância era concebida como um tempo “à parte” na vida do ser humano e a educação era pensada apenas como uma possibilidade de “transformar” e moldar os indivíduos de acordo com os princípios e ideologias da sociedade a qual fossem membros.

A partir do século XVIII tal concepção vai sendo modificada e só então a infância passa a ser vista como uma fase singular na qual suas diferenças devem ser respeitadas. Sendo assim, em uma concepção mais moderna, em que a natureza humana ainda guarda a pureza e inocência e que, por esse motivo, deve ser protegida, neste caso, a ideia de educação é aquela que deve alcançar a maturidade dos pensamentos.

Portanto, embora a infância tenha sido concebida por muito tempo como um processo abstrato, está é ou pelo menos deveria ser vista atualmente, como um processo social que ocorre de forma contextualizada com as práticas sociais e culturais que envolvem os sujeitos e que estes têm particularidades próprias que devem ser atendidas de acordo com o processo histórico da época. De acordo com (BRASIL, 2006, p. 13) “A criança é um sujeito social e histórico que está inserido em uma sociedade na qual partilha de uma determinada cultura. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve [...]”, ou seja, a criança não é um ser vazio, isolado de um contexto social, é, pois, um ser carregado de história, de sonhos e projetos de vida, é capaz de interagir e produzir cultura no meio em que está inserida.

Diante disso, concebemos a educação infantil não apenas com um caráter assistencialista que visa apenas o cuidar, mas como uma oportunidade para que haja a ampliação e a descoberta de novos saberes e como um meio que proporciona as crianças a interação social, despertando a sua afetividade e ajudando-as a descobrir a importância do outro e, portanto, envolvendo o cuidar, o brincar e o educar.

*Para quê educação infantil?*

A educação nem sempre foi um direito garantido a todos os cidadãos, haja vista que nem sempre o Estado foi o responsável maior pela promoção da mesma, já que anteriormente, essa responsabilidade era atribuída totalmente a família. No Brasil foi somente no século XX que a creche foi criada, e foi criada exclusivamente com um caráter assistencialista para atender a camada mais pobre (logo, tínhamos uma educação pobre para pobres), ou seja, não havia um propósito educacional, uma aprendizagem significativa, direcionada, mediada ou planejada e sim uma preocupação plena com o cuidar da criança, atendê-las em suas necessidades básicas, sem preocupar-se com o seu desenvolvimento integral.

Hoje, na sociedade contemporânea, a escola deve ser um ambiente de socialização que promova a interação entre os sujeitos e a sua função enquanto instituição pública/para todos, deve ir além da apresentação de propostas com cunho pedagógico, mas deve ser vista como um espaço onde as crianças são livres para aprender brincando. Sendo assim, é preciso ressaltar que muitas foram as conquistas alcançadas nesse campo de atuação, mas muitas outras precisam ser conquistadas.

A educação infantil, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9394/96, é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade maior o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade (alterado pela EC-000.053-2006) em todos os seus aspectos: físico, psicológico, intelectual e social e que deve ter o acompanhamento da família e da comunidade. Assim, a educação infantil passa a ter visibilidade por parte dos governantes e torna-se responsabilidade dos municípios e dever federal que juntos devem aliar-se a família e a comunidade (que não podem se isentar dessa participação) e promover uma educação de qualidade que atenda a criança em suas necessidades e anseios.

Então, a educação infantil passa a ser norteada por um caráter educacional que promove o desenvolvimento integral da criança, porém, para que isso aconteça é necessário que os educadores infantis considerem a ludicidade - que não se delimita apenas aos jogos e brincadeiras - como uma condição indispensável para que haja um desenvolvimento significativo na aprendizagem das crianças sem deixar de lado o cuidar e o educar. Nesse sentido, faz com que percebamos a importância da formação adequada do educador, pois se este não a tiver não poderá promover essa educação de qualidade que visa atender a integralidade dos educandos.

Segundo Angotti (2010, p. 19):

[...] é primordial a presença de profissionais que possam povoar as instituições infantis na condição de educadores e não meros funcionários, de terem formação específica para fundamentar e definir um novo fazer educacional, uma nova profissionalidade, que possa atender ao ser criança provendo e promovendo seu processo de desenvolvimento [...]

A formação inicial e continuada do educador faz toda a diferença no processo de ensino aprendizagem, pois como entenderemos a educação infantil, que abrange um público de crianças com até 5 anos de idade, se enquanto educadores não reconhecemos que essa fase merece atenção e acompanhamento contínuo devido a sua complexidade? Como avaliar o aluno, se não temos formação ou instrução acerca dos documentos que regem a educação infantil? Como reconhecer os avanços dos educandos? Como rever a prática pedagógica e fazer com que o aluno aprenda se não possuímos formação para isso? Infelizmente, os nossos governantes para “diminuir” os gastos incentivam a atuação de “profissionais” sem formação específica para atuar na educação infantil, já que há quem diga que a “educação infantil é só brincar” e por isso “qualquer” pessoa pode atuar.

Diante do exposto, pois, percebemos que a formação específica do educador infantil é indispensável para que tenhamos uma educação de qualidade e o processo formativo do aluno tenha sentido para que este permaneça na instituição, compreendendo que é a partir dessa formação que o professor terá por exemplo, subsídio para identificar o nível de aprendizagem que os alunos se encontram e criar estratégias facilitadoras para o alcance dos objetivos previamente elaborados.

*O estágio supervisionado e suas contribuições*

O estágio supervisionado foi e é ainda hoje, considerado por muitos como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, isso porque ainda é muito comum ouvir da maioria dos discentes que a profissão só se aprende na prática e que a teoria, portanto, é totalmente diferente da prática. Porém, segundo Pimenta (2010, p. 45) o estágio “[...] não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade [...]”, ou seja, o estágio não restringe-se a prática em si, já que deve está intimamente associada a teoria, tendo em vista que esta promove a fundamentação da prática à medida que fornece conhecimentos especializados acerca das diversas áreas de ensino, permite o diálogo e a intervenção direta na realidade, além de oferecer aos professores fundamentação teórica que os permitem compreender os diversos contextos históricos, sociais e culturais presentes na escola e transformá-los quando assim for necessário.

O estágio é um campo de conhecimento que ajuda-nos a enquanto discentes identificar-se com o curso, além disso, aproxima a instituição de ensino (campo do estágio) da universidade e promove o contato dos estagiários com o espaço que futuramente será seu campo de trabalho. Vale ressaltar que o estágio, como componente curricular, não é uma preparação completa para o magistério, mas nesse espaço, professores, alunos, escola e universidade trabalham juntos questões relacionadas ao sentido da profissão docente, o desafio de ser professor na atual conjuntura, a verdadeira escola e a realidade dos alunos e professores que integram a instituição, ou seja, o estágio permite que vejamos a escola real, bem como seus desafios e conquistas.

Assim, o estágio supervisionado contribui significativamente na formação daqueles que escolheram a docência como campo de atuação profissional, vez que nos aproxima do chão da escola, nos faz descontruir os mitos que criamos antes de irmos a campo, além de proporcionar uma reflexão acerca da educação e do nosso papel enquanto futuros educadores, o que faz com que pensemos, consequentemente, nos desafios que encontraremos, mas, sobretudo, nas estratégias de ensino para superá-los, considerando que o estágio é também campo de pesquisa, análise e investigação sobre a prática docente.

Contudo, é nesse momento em que, na posição de estagiários, percebemos que não estamos na escola apenas para apontar os seus erros e falhas, mas que temos a oportunidade de trocar experiências, ensinar ao outro (professor vigente, funcionários e alunos) aquilo que o nosso processo formativo nos proporcionou e assim, vivemos não uma situação de desconforto, mas uma teia de aprendizado contínuo, onde ninguém na verdade é mais sábio e/ou experiente que o outro, mas que aprendemos juntos, no contato com o diferente.

*Um processo investigativo: experiências, reflexões dificuldades e aprendizagens*

A educação de qualidade é defendida desde a Constituição Federal de 1988 em seu Art. 205, porém na realidade observamos muitos aspectos que se encontram na contramão da lei. Esse olhar ativo, investigativo e reflexivo é construído a partir da observação que é um dos caminhos do estágio/prática de ensino apontados por Pimenta (2010).

O percurso inicial a ser trilhado no período do estágio é o de conhecer a escola campo de pesquisa, pois os dados recolhidos e observados nos servirão de suporte para melhor atuar ou ressignificar a nossa prática pedagógica, por isso a importância do diagnóstico inicial da escola. Segundo Libâneo (2001, p. 178) “[...]diagnóstico consiste no levantamento de dados e informações para se ter uma visão de conjunto das necessidades e problemas da escola e facilitar a escolha de alternativas de solução”. Ou seja, esse diagnóstico inicial nos dá “pistas” de como direcionar as atividades em vista dos objetivos que pretendemos alcançar, de conhecer a organização, estrutura e funcionamento da unidade escolar, além disso, nos oportuniza conhecer as realidades sociais que assolam a instituição, como trabalhá-las e ou transformá-las.

Tendo em vista as experiências vivenciadas e observadas na semana de observação na creche na qual realizamos o estágio, percebemos o quanto essa aproximação, essa fase do conhecer a escola em movimento é importante, pois a partir disso percebemos o quanto a educação é desafiante e exige de seus profissionais coragem para continuar lutando por uma educação melhor. Iniciamos o diagnóstico da instituição de ensino abordando a sua caracterização e composição, compreendendo ser uma escola que atende os diversos bairros da cidade de Pau dos Ferros/RN, e agrega, por conseguinte, um público heterogêneo, de todas as camadas sociais e por ser localizada em bairro centralizado recebe muitos alunos.

A creche em questão funciona em uma casa que foi adaptada, conforme a necessidade de organização, para que fosse possível fazer desse espaço um lugar de aprendizagem, porém, de acordo com os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para as instituições de educação infantil (BRASIL, 2006, p. 50), tais ambientes devem garantir a acessibilidade universal e, assim, garantir que o ambiente construído seja:

[...] o menos restritivo possível, incluindo espaços dimensionados de acordo com os preceitos de acessibilidade universal, considerando acessos a salas, área de serviço, cozinha, banheiros, áreas de brincar interna e externa, dentre outros espaços, de acordo com as normas brasileiras e os decretos em vigor.

Embora a escola campo de estágio tenha um espaço externo muito amplo e a quantidade de salas de aulas seja consideravelmente boa, o seu espaço é muito limitado, as salas de aulas são muito pequenas, com pouca ventilação (aspecto considerado importante na construção de uma creche de acordo com os Parâmetros Básicos de Infraestrutura) e querendo ou não, tais fatores acabam incidindo na aprendizagem das crianças, pois como desenvolver-se integralmente se não temos um espaço específico que funcione brinquedoteca e a biblioteca? Tais espaços contribuem significativamente com a aprendizagem dos sujeitos, que incentivam a liberdade a partir do brincar e do contar história, além disso, um espaço específico destinado a essas atividades facilitariam a compreensão e organização das crianças, à medida que entendessem que há espaços de brincar, se movimentar, usar seu corpo e aguçar a sua imaginação, mas há também espaços que requer silêncio para que seja efetivo na aprendizagem.

Um outro aspecto analisado foi o portão da escola, os sujeitos que por ele passavam e a bagagem que carregavam (uns apenas suas mochilas, outros brinquedos e outros vinham de mãos vazias). Aqui, percebemos a importância do acolher o outro e de fazer com que as crianças se sentissem importantes; a conversa inicial sempre se dava por questões sobre o fim de semana, o brinquedo, a roupa colorida e etc., tais questionamentos faziam com que as crianças sem querer começassem a contar a sua história, a história daquele dia. E nesse momento, sem percebermos, já estávamos aprendendo com as crianças que a oralidade a partir do contar um fato já se fazia presente naquele espaço.

Nessa perspectiva, a sala de aula enquanto espaço formativo deve estar organizado de forma a acolher e integrar as crianças, para que assim, seja possível atender suas necessidades. Com esse espaço, especificamente, tivemos o cuidado em analisar e buscar estratégias para que o conhecimento e a metodologia de ensino alcançassem a todos de forma igual, já que a organização do espaço da sala de aula foi uma das dificuldades encontradas durante a regência do estágio, suscitando algumas questões: como atender 20 crianças de faixa etárias entre 3 e 6 anos de idade de forma igual em um espaço pouco colaborativo? Como trabalharmos um mesmo conteúdo que beneficie a todos?

É nesse momento que entra o segundo caminho a ser percorrido no estágio abordado por Pimenta (2010): a problematização foi onde começamos a nos questionar: será que a aprendizagem está sendo oportunizada a todas as crianças? O que fazer para que o espaço disponível da sala de aula fosse mais cooperativo e integrador? Como uma única professora é capaz de atender 20 crianças de diferentes faixas etárias incluindo um Autista? Como promover práticas de ensino integradoras, lúdicas e dinamizadas se a escola não oferece material suficiente para tal? Nesse emaranhado de questionamentos, refletimos, mais uma vez, acerca do desafio de ser professor em uma sociedade onde a educação não é prioridade e que todos esses questionamentos perpassam pela formação e valorização dos educadores enquanto transformadores.

A partir dessa análise e observação, tentamos readaptar a sala de aula para atender todos os alunos sem sermos seletivos. Sendo assim, reorganizamos o espaço promovendo a interação entre as crianças, onde dias estávamos em roda nas cadeiras, dias sentados no chão, mas sempre tendo o cuidado de integrá-los e fazer com que houvesse a socialização entre todas as crianças, para que essa socialização acontecesse, misturávamos as crianças menores com as maiores, para que assim ajudassem umas às outras e não ficassem tão dependentes das professoras (o que inicialmente ocorria).

Com essa estratégia percebemos que no decorrer do tempo, as crianças aprenderam a se respeitar, a ouvir o outro, a esperar a sua vez de falar, a ajudar o colega, seja emprestando uma coleção, um lápis ou na resolução das atividades. Sendo assim, consideramos tais aspectos como grandes avanços, já que assim, promovíamos a autonomia das crianças, fazendo com que se tornassem sujeitos ativos e capazes de escrever sua própria história e ser, portanto, autor do seu próprio processo formativo. E isso, só é possível quando recebemos uma formação de qualidade que embasa toda a nossa vida profissional.

Segundo Nóvoa (2002 p. 23) “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente”, isto é, para o professor promover uma aprendizagem significativa não pode ser seletivo ou promover a hierarquização na sala de aula exaltando aqueles que se destacam e excluindo aqueles que porventura enfrentam maiores dificuldades para aprender, pois se assim fizermos não deixaremos de ser transformadores de discurso.

É preciso que nos encontremos na profissão que desejamos atuar, para que assim sejamos capazes de superar as dificuldades e promover uma educação significativa, que vai além daquilo que é ofertado; que não se deixa vencer pelos “nãos” da direção da escola e luta pelos avanços; que mesmo estando em salas superlotadas, recebendo um salário que não condiz com o que trabalha seja capaz de transformar e ressignificar a sua prática pedagógica; que não considera suficiente o planejamento semanal da escola, mas que busca outras fontes, se atualiza e leva o melhor para o seu aluno; que aproveita as situações inusitadas, muitas vezes provocadas pelos alunos, como uma forma de aprender sobre a vida, sobre questões éticas e morais e que, portanto, servem para a sua experiência social e cultural enquanto sujeito.

Após a observação e problematização que permearam esse processo até o presente momento, começamos a trilhar o terceiro caminho apontado por Pimenta (2010), a investigação. Aqui, sentimos a necessidade de buscarmos respostas às perguntas elaboradas anteriormente e então chegamos ao consenso de que para atender os alunos de forma igualitária é necessário incluí-los e torná-los construtores da própria formação.

A princípio nos preocupamos em conhecer os alunos, seu contexto social, sua vida, seus sonhos e isso só foi possível a partir das conversas que tínhamos com a professora regente e os próprios alunos, que em sua maioria vem de família pobre, e moram com suas mães e avós já que os pais são separados. Tais dados, nos permite compreender as necessidades afetivas que podem fazer parte do cotidiano dessas crianças que demonstravam diariamente o seu carinho através de beijos, abraços e cartinhas, além de nos fazer pensar que precisamos ter paciência e tempo suficiente para ouvi-las, pois conforme afirma Freire (2003, p. 141) “Ensinar exige querer bem aos educandos [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo [...]”, ou seja, é preciso que exista amor no que se faz.

Nessa perspectiva, consideramos a afetividade na Educação Infantil de grande importância e de forte influência sobre o desenvolvimento integral da criança, para isso, precisamos, enquanto educadores, ser afetivos com os nossos alunos, tornando-nos seus amigos, buscando compreendê-los em suas angústias, motivando-os em seus sonhos e projetos de vida para que assim sintam-se valorizados.

Sendo assim, consideramos que a indisciplina deve ser tratada não com repressão, ameaças a respeito do intervalo ou excluindo aqueles que se comportam de maneira errônea, precisamos trabalhar esses comportamentos e atitudes para que eles deixem de existir. A indisciplina, a não aderência as regras foi uma outra dificuldade que enfrentamos, pois inicialmente, na hora da leitura, as crianças se levantavam e falavam de uma só vez, além disso, falavam muito alto e não esperavam a vez do outro, então no primeiro dia estabelecemos as regras de convivência e adotamos as estrelinhas e o ajudante do dia como estratégia para que se comportassem melhor e tornassem, consequentemente, a sala de aula como um lugar agradável de se estar.

Embora tenha existido algumas dificuldades, é preciso ressaltar os grandes aprendizados adquiridos que vão além do “saber ensinar” e do saber se comportar diante uma sala aula, para além disso, o estágio nos permite crescer humanamente, pois muitas vezes entramos no chão da escola achando que vamos ensinar algo a alguém, mas na verdade acontece o inverso, muito mais que ensinar aprendemos com a vida e experiências dos outros.

Recordamos que, em uma das mediações da história contada, questionávamos as crianças acerca dos seus sonhos e para a nossa surpresa uma criança de 4 anos de idade disse: “o meu sonho é que o meu pai more comigo e minha mãe” (ALUNO 1, 2017). Quando perguntamos sobre os seus sonhos não esperávamos essa resposta, já que geralmente as crianças respondem que querem ser princesas, ter uma boneca da Barbie e etc., mas a criança aborda da sua necessidade em ter seu pai em sua casa, uma questão familiar, que envolve afetos e sentimentos. Um outro fato interessante, foi que uma outra criança falou do sonho da mãe em ter uma moto e que para tanto estava trabalhando muito. Isso nos faz refletir que nessas crianças existe sentimentos, desejos, concepção de mundo e que o processo de formação vai muito além do ensinar a ler, escrever e realizar operações matemáticas, que as questões afetivas estão muito presentes em nossas salas de aula e que a forma que o nosso aluno se expressa revela como ele se sente ou pensa o mundo, que embora sejam muito novas tem a concepção de que precisam estudar e trabalhar para realizar seus desejos e tudo isso são questões importantes que precisam ser levadas em consideração, pois de acordo com (CAMPOS e LIMA, 2010, p. 32) “[...] é fundamental que se conheça e entenda a criança como pessoa de sentimentos, vontades, desejos e necessidades, sobretudo com direitos e deveres [...] sem deixar de conhecer e reconhecer sua história de vida”.

**Considerações finais**

Diante das discussões aqui apresentadas, acreditamos que a educação de qualidade é desafiante, pois são muitas as dificuldades encontradas em todo o percurso de formação. Contudo, pensar nos aprendizados que podem ser adquiridos, nas lutas que podem ser vencidas e imaginar que o futuro de uma nação depende da nossa ardente contribuição enquanto professor, nos faz olhar para essa profissão como um ato de amor à Pátria e como um motivo para permanecer lutando por uma educação significativa.

Nessa perspectiva, o presente trabalho vem contribuir significativamente para que reflitamos acerca da importância do Estágio Supervisionado enquanto componente curricular dos cursos de licenciatura e o quanto essa fase do curso de formação nos torna profissionais humanamente melhores, nos permitindo conhecer a realidade educacional das escolas, pesquisar e investigar a nossa própria prática docente e assim transformá-la e/ou ressiginificá-la.

Portanto, segundo Cury (2003, p. 55) “[...] educar é acreditar na vida, mesmo que derramemos lágrimas. Educar é ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos decepcionem no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração”. Ou seja, educar é lançar nos desafios; é insistir nas pessoas; é ver aquilo que estar além do exterior; é enxergar o outro como um ser que tem capacidade, possuidor de competências e habilidades e que, portanto, tem algo a nos ensinar, educar é por fim, não desistir de lutar por um mundo mais justo e igualitário, onde todos têm voz e vez.

**Referências**

ANGOTTI, Maristela. **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?** Campinas SP: Editora Alínea, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil.** Brasília: MEC, SEB, 2006.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CAMPOS, Gleisy Vieira e LIMA, Lilian. **Por dentro da educação infantil:** a criança em foco. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2010.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes:** A educação inteligente; formando jovens educadores e felizes. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 27ª ed., 2003.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação a pesquisa científica**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização da Escola:** teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

NÓVOA, Antônio. Escola nova. **A revista do Professor**. Ed. Abril. Ano. 2002, p,23.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2010.